LUCIANA CAETANO MATIAS

VISÕES INVISUAIS
Uma jornada através dos olhos de Gigito Efraim

Brasília – DF
2014

LUCIANA CAETANO MATIAS

VISÕES INVISUAIS
Uma jornada através dos olhos de Gigito Efraim

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Bacharelado Interpretação Teatral, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.
Orientadora: Profª Drª Márcia Duarte Pinho

Brasília – DF
2014

Dedico este devaneio de palavras

ao Amor e à Paixão.

Um brinde a tudo que move e nos movimenta!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos os momentos vividos até aqui e a todas as pessoas que passaram por mim, mesmo que por um segundo, pois aprendi muito com cada troca de olhares no caminho e entendi que a partir de cada olhar os tempos se tornam eternidades.

Agradeço ao carinho e paciência que, independente dos meus humores, recebia em casa pelos meus queridos e amados pais Uriel e Olinda Matias. E também à mana Carol Matias, por suas aparições inesperadas e que geravam muitas conversas ricas e risonhas.

Agradeço ao amor da mais linda de todas as mulheres, o amor que me atravessa todos os dias e que me faz ter força para superar qualquer adversidade. Obrigada, Tati Casanova, por todos os momentos!

Um obrigado aos amigos literários que me renderam grandes viagens sem sair do lugar. Obrigada, Gaston Bachelard, Stephen Nachmanovitch, Clarice Lispector, Manoel de Barros, Hermann Hesse. E obrigada, Mia Couto, por suas palavras que sempre me guiavam por terras e territórios além da visão.

Agradeço à turma que atravessou comigo todo esse rio de montagem abensonhado. Brincar junto com vocês, durante um ano e meio me rendeu tanta história pra contar, tanto sorriso pra lembrar e até mesmo algumas muitas lágrimas para enxugar. Porque nesse rio que atravessamos juntos não tinha como nadar sem se molhar.

Agradeço imensamente a orientação das professoras Rita de Almeida Castro e Alice Stefânia, as diretoras do olhar, a riqueza dos detalhes, as delicadezas que fizeram de nosso processo tão colaborativo quanto possível.

Desde já agradeço e agradeço desde já (como bem aprendi com ela) à orientadora Márcia Duarte que além de colaborar com a montagem de algumas cenas do espetáculo, também me orientou nessa viagem monográfica. Desde já agradeço, agradeço desde já! Salve, salve! Axé!

E, claro, agradeço imensamente ao meu amigo Gigito Efraim, um cara que me ensinou muito mais do que eu consigo dizer com palavras. Somente de corpo e alma consigo dizer o tanto que aprendi com esse rapaz. Valeu mano Gigito!

ORA AÇÃO ORA POETA
Rima nossa que estás no verso
Reticenciai o nosso ponto
Venha a nós o devido respeito para que
Seja feito do mundo a metáfora
Assim como nós cortejamos
A liberdade que nos tem oferecido
Não nos deixei presos à Razão
O dom nosso de cada dia nos dai hoje
Para transformar o que já foi entendido
Livrai-nos de todo plágio
Rogai por nós, loucos, poetas e atores
Agora e na hora de nossa sorte.
Além!

LUCIANA MATIAS

Eu to te explicando pra te confundir
Eu to te confundindo pra te esclarecer
to iluminado pra poder cegar
to ficando cego pra poder guiar.

TOM ZÉ

SUMÁRIO: ITINERÁRIO DE VIAGEM

LISTA DE IMAGENS **8**
GUIA DE VIAGEM **9**
CONVITE AO VOO **10**
1 – MARAVILHAÇÃO E MIRAGINAÇÃO **12**
2 – GIGITO, SONHADOR DE PALAVRAS **14**
3 – NA MARGEM DA MIRAGEM **18**
4 – PESADO ELO DO SONHO **21**
5 – O LOUCO DE MIL FACES **24**
6 – ETERNA INFÂNCIA **28**
- **6.1 Imaginação e memória** **28**
- **6.2 Viver, morrer e renascer** **30**
- **6.3 O renascimento da infância ou a eterna criança** **32**
- **6.4 Gigito, inventor de memórias** **35**

7 – NA TRILHA DAS ÁGUAS **38**
- **7.1 Um corpo d'água** **39**
- **7.2 Quando o rio é uma estrada** **40**

ESPELHO D'ÁGUA **42**
ANEXO A – *Inventário de Falagens Abensonhadas* **45**
ANEXO B – Lembranças Inventadas **52**
ANEXO C – Mia Couto na UnB **54**
REFERÊNCIAS **55**

LISTA DE IMAGENS

Fig. 1 – Na Margem da Miragem. Foto: Carol Matias

Fig. 2 – Gigito de Mil Faces. Foto: Carol Matias

Fig. 3 – De mãos dadas. Foto: Fernando Santana

Fig. 4 – O Grupo. Foto: Fernando Santana

Fig. 5 – "Eu aprendi a voar" Foto: Fernando Santana

Fig. 6 – Entrevista com Mia Couto. Foto: Fernando Santana

Fig. 7 – Mia Couto com equipe *Abensonhar*. Foto: Fernando Santana

GUIA DE VIAGEM

Caro leitor, antes de tudo, seja bem vindo! Um dos maiores prazeres da vida é viajar. Peço que encare esta leitura como uma viagem e para isso é preciso saber de algumas informações necessárias para chegar nos pontos de nosso itinerário bem avisado. E o percurso que começamos agora é um caminho pelo processo de criação do espetáculo *Abensonhar*. Esse caminho se faz por imagens e palavras e através delas é que guiarei os olhos do leitor.

A peça *Abensonhar* foi construída ao longo de um ano e meio. O processo iniciou-se na disciplina de Metodologia e Pesquisa em Artes Cênicas, conhecida como pré-projeto guiado pela professora Rita de Almeida Castro. Nessa disciplina desenvolvemos nossas diretrizes para a criação do trabalho final de curso de Artes Cênicas. Em seguida, partimos para a fase de montagem e nesse momento ganhamos mais uma parceira. A professora Alice Stefânia aderiu ao nosso grupo na codireção. Apresentamos no final de 2013. Passamos pela banca, reconstruímos tudo, e, por fim, estreou o espetáculo *Abensonha*r no Sesc Garagem entre os dias 22 e 25 de maio de 2014.

A peça é composta de um cruzamento de contos originados do livro *Estórias Abensonhadas* do escritor moçambicano Mia Couto. Ao longo do processo, diluímos essas histórias e fizemos uma trama que tinha como fio condutor o conto *Cego Estrelinho*. Em poucas palavras, a peça se resume nas *contações* mirabolantes do meu personagem, o guia Gigito Efraim ao Cego Estrelinho. Sua maneira de descrever a realidade com histórias faz com que o cego acredite poder ver através da imaginação e à medida que narra suas invencionices dá vida a um mundo de imagens que borra as fronteiras entre realidade e invenção. Até que um dia, Gigito deixa o amigo, para seguir o seu próprio caminho e chama a irmã Infelizmina para substituí-lo. Porém a irmã não tem as mesmas habilidades criativas de Gigito. Ela descreve o que vê, e o que somente vê, sem transformar a visão em história como fazia Gigito, e então o Cego Estrelinho passa a definhar sem sua fonte de alimento principal: as invenções, as histórias. Até que então Infelizmina tem um sonho com o irmão falando do que viu do outro lado da vida e o quão importante é rememorar as *contações* dos antigos.

A peça é atravessada pelo rio do tempo que carrega todas as lembranças. E são essas águas que guiam a minha escrita. Os capítulos se diluíram em reflexões independentes entre si para que as palavras pudessem ser livres. Este ensaio é um pequeno feixe de luz refletindo nessas águas. Uma pequena miragem vista através de meus olhos de atriz, de estudante, de artista. E se por algum momento, acabo me repetindo demais, já vos advirto desde já: “Repetir, repetir – até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo” (BARROS, 2010: p. 300).

CONVITE AO VOO[1]

Um belo poema é um ópio ou um álcool. É um alimento nervino.
Deve produzir em nós uma indução dinâmica.
Gaston Bachelard

Todo sonho perde seu começo ao ser sonhado e o que resta são as fugidias memórias que não se diluíram ao suave movimento de abrir os olhos. Este é um pequeno ensaio sobre as navegações de um processo de um ano e meio vivido na montagem da peça *Abensonhar*, um processo que atravessou territórios além do tempo e dos limites do real, um sonho que permitiu um grupo sonhar-se junto.

Para atravessar este sonho, embarcamos no singelo barquito capaz de adentrar as águas do tempo, capaz de passear pelos inimagináveis caminhos fluídicos da peç*a Abensonh*ar. E foi através da passagem do rio que tive a experiência de navegar dentro dos olhos do jovem Gigito, o contador de histórias entregue a uma imaginação que é viva o suficiente para criar e movimentar um universo inteiro à sua volta. E essa imaginação é o grande porto de partida para o estudo.

Faço deste ensaio um convite a viagem do sonhar, uma passagem para o reino do imaginar que é capaz de criar mundos, o reino do devaneio poético aquele que coloca a imaginação no caminho da realização e vice versa. E essa é a passagem para atravessar as águas do invisível poético que traço por essas linhas monográficas.

E de tanto brincar com o invisível, não sei ao certo como transformá-lo em concretude visível e inteligível aos outros. E, por isso, peço licença poética para iniciar este ensaio escrito, pois como trato de uma matéria flutuante feita de devaneios e sonhos, creio que a própria linguagem utilizada no ensaio deve ter a liberdade de fluir livremente. Pois “a poesia é um dos destinos da palavra.” (BACHELARD, 1988: p. 3). E elas também têm o direito de ser jovens. Sendo assim, destino minhas palavras tanto a uma reflexão crítica do processo como também a um fluir poético.

E seduzida pelas palavras acabei pegando gosto pelo desenhar de possíveis mundos

---

1

Título homônimo de texto de Eduardo Galeano em: GALEANO, Eduardo. De Pernas pro Ar: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 1999.

com esse invisível ao meu redor, deixei-me conduzir por ideias que me circundaram e resolvi ter como tema desta minha jornada, agora escrita, o tema da potencialidade da imaginação, dentro da criação artística e, mais especificamente, dentro da minha experiência de atriz na peça *Abensonhar*.

"Quando nos entregamos com predileção a esses devaneios de palavras, é altamente reconfortante encontrar, no decorrer de nossas leituras, um irmão em quimeras" (BACHELARD, 1988: p. 42). E mergulhando mais fundo nos movimentos das águas imaginativas encontrei alguns irmãos em quimeras, em especial, o amigo Gaston Bachelard, que como eu, também é um sonhador de palavras e ele me falou da potencialidade da imaginação e a força do devaneio poético dentro de um trabalho criativo. Das muitas conversas que tive com esse meu amigo em quimeras, passeando tanto pela *Poética do Devaneio*(1988) como pelo *Ar e os Sonhos*(2001) e em outras ocasiões me refrescando na *Água e os Sonhos* (1997), percorrendo esses caminhos escritos deixados por ele, colhi muitas das ideias e reflexões apresentadas neste ensaio escrito e reflexivo.

1. MARAVILHAÇÃO E MIRAGINAÇÃO

Que maravilhação esse mundo. Me conte tudo, Gigito!
Mia Couto

Neste ensaio, proponho-me a escrever sobre o devaneio e a poesia do trabalho artístico dentro do processo de criação do personagem Gigito, um jovem moço que me habitou ao longo da criação da peça desenvolvida no projeto de diplomação em Artes Cênicas. E para essa análise poética chamo um dos meus irmãos em quimeras que me rendeu ricas conversas sobre a imaginação. Este amigo que é muito entendido da poética do devaneio me acompanhará nesse exercício escrito. E ao longo desse percurso tentarei dar foco ao processo específico de conclusão de curso, mas advirto, mais uma vez, que quando se trata de uma matéria tão movediça quanto os sonhos e a poesia as fronteiras entre o abstrato e o concreto se fazem móveis e muitas vezes irreconhecíveis.

Gaston Bachelard analisa a imaginação e se debruça sobre a literatura e a poesia escrita. Em meu estudo, busco, através de sua referência, fazer essa análise sobre a poesia teatral. O intuito é investigar o poder da imaginação dinâmica no processo de criação do ator, analisando como esse imaginário movimenta o ator em direção à presença em sua integralidade. Pois essa matéria imaginativa, criadora, potente, não é somente um sonho noturno que se esvai na realidade dos olhos abertos. A imaginação vai além de um mero devanear a esmo. Com os movimentos da imaginação vemos os vagos devaneios se tornarem poéticos e transcendentes.

> Um verdadeiro poeta não se satisfaz com essa imaginação evasiva. Quer que a imaginação seja uma viagem. Cada poeta nos deve, pois, seu convite à viagem. Por esse convite recebemos, em nosso íntimo, um doce impulso, o impulso que nos abala, que põe em marcha o devaneio salutar, o devaneio verdadeiramente dinâmico. (BACHELARD, 2001: p. 4)

Ao longo do processo pude perceber que o ator como poeta dinâmico necessita de

criar meios de incitar sua arte. Bachelard se utiliza do termo produtividade psíquica (1988: p. 2) para organizar esse banco imaginário a que os poetas recorrem em suas criações. Ele também acrescenta que esse banco é movido e recriado através dos momentos em que o poeta se encontra maravilhado. Assim, pode-se dizer, que um dos exercícios do poeta e, a meu ver, do ator criador é o exercício da maravilhar-se.

Em seu livro chamado *A Poética do Devaneio* (1988) Bachelard desenha uma análise psicológica e muitas vezes artística sobre o devaneio poético, "um devaneio que a poesia coloca em boa inclinação, aquele que uma consciência em crescimento pode seguir." (BACHELARD, 1988, p. 6). Ele defende que um devaneio bem direcionado deixa de ser uma mera quimera da imaginação e se torna dessa forma material para a criação de uma obra de arte. Em seu estudo ele também observa que um dos exercícios essenciais para incitar a criação artística é o encanto de maravilhar-se. Sobre isso Bachelard diz que "a sutileza de uma novidade reanima as origens, renova e redobra a alegria de maravilhar-se." (BACHELARD, 1988: p. 3) e completa em seguida: "a imagem poética, em sua novidade, abre um porvir da linguagem." (BACHELARD, 1988: p. 3)

Se Bachelard fala do estado de maravilhar-se, tomo a liberdade de chamá-lo de estado d*e maravilhação*, pegando emprestado o termo criado por Mia Couto. No processo de criação do espetáculo nos deparamos com o constante exercício da *maravilhação*, tanto pelas histórias contadas na peça quanto pelos personagens que emergiam com suas complexidades ao longo de um caminho de criação artística e poética em conjunto. Nossa criação colaborativa possibilitou a experiência de maravilhar-se com o outro no colega. A noção de alteridade e de respeito uns com os outros permitiu que nossas divergentes ideias e conflitos se harmonizassem e até brincassem no jardim de nossa criação.

Nesse caminho em que as águas criativas foram guiando os atores, pude me deparar com a criação de um personagem, meu amigo Gigito Efraim, tão entendido nessa história de maravilhar-se que, como diria Mia Couto, era capaz de "*miraginar* terras e territórios" (COUTO, 2012: p. 25). E o que Bachelard chamaria de *maravilhação* foi transformado em *miraginação* ao longo do nosso processo.

De fato, esses termos são do Mia Couto. E, sem desconsiderar o valor das palavras, mas levando em consideração a licença poética para neologismos, essa *miraginação* ou *maravilhação* certamente foi o alimento mais importante na criação de Gigito, personagem arrebatado pela novidade e pela capacidade criadora da imaginação, ou como diria Mia Couto: "um homem em flagrante infância, sempre em arrebatado pela novidade de viver" (2012: p. 9).

2. GIGITO, SONHADOR DE PALAVRAS

Já notaram a fisionomia do homem que está contando o seu sonho? Sorri do seu drama, dos seus temores. Diverte-se com eles e quer que você também se divirta.

Gaston Bachelard

Quando um sonhador conta seus sonhos ele adquire uma nova matéria ao seu redor, seu corpo passa a vibrar os fluidos das suas próprias histórias imaginadas. E de dentro do brilho do olho de Gigito Efraim, o guia do Cego Estrelinho, dos olhos de dentro, conto maravilhada um pouco de como foi essa experiência de ser um contador, ou melhor, um sonhador de histórias na peça *Abensonhar*.

No conto de Mia Couto, o guia Gigito é descrito em poucas linhas, deixando diversas lacunas para serem preenchidas pela imaginação de quem lê. O processo de transportar esse personagem que é capaz de inventar mundos de "fantasias e rendilhados" (COUTO, 2012: p. 21) para a cena teatral foi um desafio e uma oportunidade de viver o exercício de criação artística a partir de um germe, e no caso de Gigito, um germe muito engenhoso e criativo.

Como as palavras mágicas do sonhador não estavam escritas diretamente no texto, precisei fechar os olhos e mergulhar na própria *miraginação* para tentar entender e aprender a criar as histórias capazes de fazer cego enxergar. Nesse caminho de pesquisa, tomei a liberdade de extrapolar os limites do conto originário deste personagem. E para alimentar o vocabulário extraordinário de Gigito iniciei uma viagem na própria linguagem inventiva do Mia Couto. Nessa jornada, fui coletando palavras, colocando numa sacola sem fundo, aonde os neologismos e invencionices eram sempre bem-vindos.

Para uma organização desse material, coloquei essa série de palavras e expressões no que chamei de *Inventário de Falagens Abensonhadas*[2]. Esse inventário me serviu como uma maneira de exercitar a linguagem do personagem que tanto tinha a dizer, mas quase nada tinha

2 Este inventário se encontra em anexo.

sido escrito sobre seus dizeres. Assim, começava a montar o imaginário daquele que viria a ser uma figura emblemática dentro da peça, o inventor de histórias fantásticas. Nessa pesquisa me sentia o próprio Cego Estrelinho que precisava viver para não esquecer. Então me deixei guiar pelas palavras, tomei Mia Couto pela mão como Estrelinho seguia seu guia. E "memória de Estrelinho tinha cinco dedos e eram os de Gigito postos, em aperto, na sua própria mão." (COUTO, 2012: p. 21) Bebia as palavras do Mia dia e noite a procura de cessar a fome de palavras. E de cega curiosa, passei a inventar o jeito de falar do guia Efraim. E como ele "falava pela ponta dos dedos" (COUTO, 2012: p. 22), tomei também a liberdade de falar com o corpo inteiro. *Falagem* de Gigito é dança para mim. E assim encontrei um meio de dançar com palavras e falar com o corpo.

Já um pouco embriagada com tanta palavra *abensonhada*, permiti que me viesse o delírio de sonhar, de inventar também minhas *miraginações*. Percebi que quando a criação acontece na cena teatral, quando se dá esse grande salto da imaginação para a cena, o devaneio se torna materialmente poético. Com Gigito, passei pela experiência de corporificar o devaneio de um sonho previamente sonhado e estudado pela turma inteira. Nesse exercício de materializar o imaginário, escuto a voz de meu velho amigo, Gaston Bachelard, mais uma vez me lembrando de que "sim, de fato, as palavras sonham" (BACHELARD, 1988: p. 18). E sendo assim, de olhos fechados, aos poucos, fui aprendendo a devanear como Gigito. Depois que as improvisações passaram, os textos foram plantados, as cenas florescidas; depois de tanta lapidação paciente de artesão, passei a saborear o devaneio poético de ser um sonhador de palavras.

Escolho essa nomeação para a minha experiência vivida ao longo do processo de criação de *Abensonhar*, pois nesse período, sim, fui um sonhador de palavras. Fui Gigito. Atravessei até mesmo as barreiras do gênero e me deixei ser, em essência, essa figura que, para mim, encarna a ideia de que "o devaneio de um sonhador é suficiente para fazer sonhar todo um universo" (BACHELARD, 1988: p. 60).

Descobri o sabor do devaneio de palavras. O delírio maior veio quando nos permitimos criar palavras novas e novos sentidos para elas. Gigito aprendera a voar com suas histórias e eu me deixei guiar mais uma vez por sua mão poética. "E a mão reteve a música como paisagem de água na retina" (BARROS, 2010: p. 87). Deixei-me contaminar pela *poiesis bacterium*[3] e uma vez infectada já não podia controlar a crises de *neologíte*[4]. A doença

3 Bactéria causadora da doença da poesia.

da poesia apresenta muitos sintomas, entre eles:

> 1. Aceitação da inércia para dar movimento às palavras; 2. Vocação para explorar os mistérios irracionais; 3. Percepção de contiguidades anômalas entre verbos e substantivos; 4. Gostar de fazer casamentos incestuosos entre palavras; 5. Amor pelos seres desimportantes tanto pelas coisas desimportantes; 6. Mania de dar formato de canto às asperezas de uma pedra; 7. Mania de comparecer aos próprios desencontros. (BARROS, 2010: p. 399)

Mas um dos sintomas mais graves são os neologismos, causadores das *neologites*. Certo que muitas das novas palavras advinham do Mia Couto, entretanto não abdicávamos de nosso direito de sonhar. Atravessamos uma contaminação geral, a bactéria foi se espalhando por toda a turma molhando cada vez mais nossa dramaturgia. “A gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala.” (BARROS, p. 451) E assim, altamente influenciada por essa doença contagiosa, foi criada a linguagem falada de Gigito.

> Sofro, afinal, da doença da poesia: sonho lugares em que nunca estive, acredito só no que não se pode provar. E mesmo se hoje eu rezasse, não saberia o que pedir a Deus. Esse é o meu medo: só os loucos não sabem o que pedir a Deus.
> (COUTO, 2012: p. 121)

---

4 Inflamação na linguagem que tem como principal sintoma a invenção de novas palavras.

Fig. 3 – Na Margem da Miragem. Foto Carol Matias

3. NA MARGEM DA MIRAGEM[5]

O bom do caminho é haver volta.
Para ida sem vinda, basta o tempo.
Mia Couto

Um dos temas recorrentes que encontramos na literatura do moçambicano Mia Couto é a passagem do tempo e a relação com os antepassados que já foram levados embora pelo tempo líquido que inexoravelmente passa. No conto *Nas Águas do Tempo* do livro *Estórias Abensonhadas* (2012), esse fluxo temporal está ligado à sabedoria passada de geração à geração através das tradições. A trama gira em torno do avô que leva seu neto aos pântanos para que o menino aprenda a ver os ditos "panos da outra margem" (COUTO, 2012: p. 11) Em outras palavras, essa metáfora de atravessar o rio do tempo e chegar à outra margem simboliza a morte.

Fluindo pelas águas do tempo, decidimos que o rio que leva e traz as lembranças, fonte inesgotável e simbólica de sabedoria, seria nosso fio condutor que teceria a peça *Abensonhar*. O avô, figura arquetípica do velho sábio que está presente no conto do Mia Couto, se conectou ao Gigito, contador de histórias. O velho e o menino se comunicam em nossa dramaturgia de forma familiar e ancestral. Na peça, o menino do barquinho que acompanhava o seu velho aos pântanos se transformou na menina do barquito, neta do sábio avô e também, a mãe de Gigito e Infelizmina. Essa mudança estratégica na dramaturgia foi o ponto de conexão essencial para explicar o fascínio de Gigito por contar histórias e sua tendência para *miraginar* tudo que vê pela frente. Ele, o sonhador *devaneista*, guia do Cego Estrelinho, aprendeu a enxergar com os olhos de dentro com sua mãe e essa, por sua vez, recebeu esse ensinamento de seu avô. Esse ensinamento do bisavô de Gigito presente na peça foi extraído do trecho do livro *Estórias Abensonhadas*: "Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos

---

5 (COUTO, 2012: p. 13)

estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam" (COUTO, 2012: p 13).

Esses outros que nos visitam seriam os mortos de outrora, os antepassados que cada um carrega em si. Na conferência que Mia Couto deu na UnB[6], o escritor comentou um pouco sobre a sua visão dessa comunicação com os antigos. Ele falou que esse é um traço herdado pela cultura africana, a característica de não esquecer os seus ascendentes. Os ancestrais não desaparecem ao morrer, eles passam a fazer parte da cultura, da memória e da essência de quem fica. "Hoje eu entendo que, sim, eu também sou o meu pai. Ele faz parte de mim." Essas foram algumas palavras do Mia em relação ao pai que faleceu no ano passado.

É importante lembrar que a visão de morte no ocidente é bem divergente do referencial africano. No artigo *Um mergulho nas águas do tempo* (2011) escrito pela pesquisadora Ana Cláudia da Silva, ela faz um estudo sobre a relação entre a morte e o tempo como temática na obra do Mia Couto e como a cultura africana, especificamente a tradição Bantu, influencia a escrita e o pensamento do escritor. A autora fala um pouco sobre nossa noção de tempo: "Nós, ocidentais, estamos acostumados a ter uma imagem linear do tempo: o presente foi antecedido pelo passado e será substituído pelo futuro. Não é essa, entretanto, a imagem do tempo nas culturas bantas" (2011, p. 56).

Para fazer essa análise, a pesquisadora toma como base o conceito de maravilhoso e conclui que podemos compreendê-lo sob duas vertentes: uma que considera o maravilhoso aquilo que parte do humano e o torna grandioso; e o outro maravilhoso é aquele que está fora da esfera do humano, passa a ser entendido como sobre humano ou sobrenatural.

Entretanto, ainda levando em conta a relação da cultura bantu com a morte, podemos considerar que essa relação não é considerada sobrenatural. Na verdade, como o trato com os mortos é sagrado e ao mesmo tempo cotidiano, estar em conexão com os ancestrais que nos visitam é o natural, pois não se pode fugir do que se é.

Se considerarmos o que é dito sobre a relação dos africanos com seus antepassados podemos concluir que essa comunicação faz parte do seu cotidiano e da sua cultura. Pois eles permanecem vivos na memória que se faz presente nas histórias contadas de geração a geração. Sendo assim, essa relação com os ancestrais não chega a ser considerada sobrenatural, pois a face da morte não é terrível como na tradição ocidental em que os mortos desaparecem e voltam só para assustar e cobrar aquilo que lhe é devido. Na cultura bantu, os mortos da outra margem permanecem acenando seus panos brancos para que não esqueçamos nossas origens.

---

6 MIA COUTO NA UnB. 16 de abril de 2014, às 14h30 no Departamento de Artes Cênicas, sala BSS 59.

Ao problematizar o conceito de maravilhoso a autora abre um espaço de reflexão sobre o que pra mim é a *maravilhação*. E volto a tocar no ponto que a criatividade pode ser provocada por aquilo que nos maravilha. Bachelard evoca a força de maravilhar-se como um vórtice potente na criação artística. Dessa forma, creio que a *maravilhação* está presente, justamente, nessa justaposição de perspectivas culturais. Mia Couto nos traz um quê fantástico, mágico e até místico em seus contos, mas não somente isso, ele fricciona uma naturalidade ancestral a nossa realidade contemporânea ocidentalizada.

Exemplo disso é quando o menino fica "barafundido" (COUTO, 2012: p. 14) ao ver o seu avô pisar os interditos territórios. No conto, o avô que sempre levava seu neto aos pântanos passa para a outra margem, essa passagem simboliza a morte. Com isso, o menino fica confuso e assustado com o sobrenatural acontecendo em frente aos seus olhos e não entende de imediato a visão que está tendo. Mas ainda assim o jovem tem o impulso de tirar a própria camisa para acenar aos panos da outra margem. Nesse caso, o único pano que via era o do seu avô balançando do lado de lá. No conto, o menino já adulto diz: "E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando vislumbrar os brancos panos da outra margem" (COUTO, 2012: p. 14). O menino acabara de aprender que acenar para os antigos é absorver a memória e a sabedoria oriunda deles.

Seguindo essa linha de pensamento, é possível observar o papel essencial de contar histórias. A tradição da oralidade presente na cultura africana e herdada também no Brasil é uma das formas de tanto manter as sabedorias antigas como a memória dos antepassados vivas. Portanto, contar histórias, deixar-se embarcar nas imagens criadas pelas narrativas antigas, ver-se maravilhado com a criação de vidas através da imaginação dessas histórias é uma forma de transformar a face da morte.

Para Maria Zaira Turchi autora do livro *Literatura e Antropologia do Imaginário* (2003) é justamente essa uma das funções da imaginação: a de criar ilusões que enganam a morte e assim aliviar o peso que todo ser humano carrega ao se deparar com a despedida permanente de alguém querido.

> A produção imaginária é uma defesa contra o prospecto brutal da morte, em outras palavras, a função do imaginário provém de uma relação do homem com sua circunstância de ser mortal e o desejo de escapar a ela. Trata-se, portanto, de uma eufemização frente ao horrendo rosto da morte, da temporalidade, do destino. (TURCHI, 2003: p. 31-32)

4. PESADO ELO DO SONHO

Sonho é água. Bebida é som. Consumo sais dessa paisagem. Pai. Visagem. Rumo. Assumo: sou um ser que sonha. O sumo do sonho é som. É bom. Bebo o som. Tom. Toma. Toma na palma da mão o sono que te leva. Pro fundo. Sono noturno é vida sem história. Oração sem verbo. Ora ação ora sujeito. É fundo de vulcão. Soluço de sonâmbulo em erupção. Soa. Badala. Abala o teto do céu. Seu sentido é outra direção. Além. Amém. Verbo guia oração. Sem sair. Sim. Não. Nada se esconde. Tudo se responde. Resolução. Entregue a solução. Do pulso só em si, é terno, interno. Tem carícia calma no fundo do sono. Só sonha quem memória perde. Esquece. Termina, nunca começa. Ver. Ser simplesmente quente, ardente, ver e veemente. A mente de quem sente. Mente quem lembra. Sonho só termina. Olho da mentira em contração. Conter a ação do parto inevitável da criação. Parir quem se parte. Parte em arte. Porta de entrada sempre sai. Cai. Aperta. Porta de saída sempre tem um beco. Escuta. Escuro corte na consciência. À parte. Escuto o corte da paz, ciência. Aparte. Ela paira de repente. Ela sente o momento de ser, de reter completamente. Até sonho sonambular sem destino fio, sem fino linho, vestido de banho para lavar-se em imagens sonoras, sonidos quentes, leves, ardentes perfumes do mundo. Foge linha de sem. Tido. Que em breve, embevencido, foge o fio fino. Fio doeu. Do mado. Dor maior. Sol melhor. Som cai no fio no instrumento de sonhar. Sentido, sou dado a levar-me a confusão, confissão, contusão artística em breve estalo de olhos fechados. Só sabe do sonhar, acaba sem começar. Simples assim. Sem razão, apega-se ao brasão iluminado de um calombo antigo na revolução dos sentidos. Tomou ar e afogou-se sem saber que podia respirar em baixo d’água. Só faltava respirar. DaDá-me um gole de sentido, de cheiro de solução, solo de sonhador é prato cheio de ilusão. Pobre heresia, poesia em vão. Sentido e função não cabem em sonho que vai ser afundado, mergulhado. Esquisito som. Sobe lento. Ressona lenta. Sonambula cego em terra de rei. Som e mula na terra de caolho. Abre o olho, piolho. Pinta o fosso dessa decida e em seguida segue o sino da canção. Razão é som, braço, mas não palpita. Tem dobradiça, mas não exala pulsação. Tem veia, mas

sem razão ainda bate coração. Colisão de cometas, planetas, centelhas em centenas de milhões, milhas, melões guardam as lunetas. De orelha a orelha, corre o tempo. Memória é vento em fricção. Atrita. Gravita em volta do que não se vê. Sê o vento. Se. Invento. Ver tempo em corrida de folhas no chão. Tempo motor. Mar de ação. Poeira do tom. Tempo bom. Tem som. Tem duração. Tem pero. Espero. Pero no mucho. Pincelo tempo em contato com o lado do talo do nervo que sento na linha da palma da mão. Mano. Manipula, irmão. Imã. Conexão. Toma o novelo do fio dela. O filho dela. Esqueceu a lição. Limou o fio do labirinto, os chifres do bicho são brilhantes, são ideias. Toma pela mão o chifre da fera que te domina e louva ação. Ferir ideia pode sangrar inovação. Pare de. Padrão. Quando se perde o patrão dos sentidos quem toma conta do novelo que a moça deixou na entrada? Conexo. O herói peca ao ver se forte. Fraco movente. Fada do dente. Faca doente. Vaca afiada. Mala afinada. É preciso voltar para não ter nada. Água é mergulho. Nada. É água. Só água. Nada. Imagem simula, manipula e modela, ela que tanto modifica a ação. Adapta. Apalpa. Apita o alarme, em vão. Ao leme, da embarcação. Apita o último sinal. Três vezes. Engole o novelo do labirinto. Penteia o pelo do sentido, eriça a percepção. Agora não tem volta. Corre o tempo, tempera o corpo. Pressiona, cresce. Apresse o pássaro. Órgão até sumir. Corpo de água está pronto para acordar em outra visagem. Outra vista. Outra visão. Olha a corda. Puxa. Empurrão. Acorda.

Fig. 4 – Gigito de Mil Faces. Foto Carol Matias

5. O LOUCO DE MIL FACES

Um jovem que se lança em uma nova aventura certamente não aparece pela primeira vez na peça *Abensonhar* representado pelo astuto Gigito. Esse jovem viajante que caminha pelo mundo e pelo imaginário coletivo pode ser encontrado nos andantes de beira de estrada, nos sonhadores, nos poetas, nos palhaços, nos atores e nos loucos, sim, nos loucos. O louco que viaja pelo mundo e por tantas histórias é mais do que uma figura conhecida do consciente, ele é um vórtice arquetípico que movimenta o imaginário de muitos mitos e histórias.

Dentro do jogo simbólico e místico das cartas do Tarô[7] encontramos a figura do Louco, a carta sem numeração fixa que passeia tanto pelo número zero quanto o número 22; uma figura que é capaz de ligar os opostos em um único ponto, transformando-se assim no centro de seu universo. Essa é uma das características do louco viajante, ele é um elo que une duas pontas de uma mesma jornada desenhando um círculo interminável, ou melhor, uma espiral de transformação por onde passa. A autora Sallie Nichols em seu livro *Jung e o Tarô – Uma jornada arquetípica* (2007), explica que o Louco "está livre para espiar os demais personagens e pode também irromper inesperadamente em nossa vida pessoal" (2007, p. 18). Ela faz um estudo da jornada que a linguagem arquetípica do tarô induz com suas imagens e simbologias. Ela compara a trajetória dos arcanos à jornada de individuação de cada personalidade. Ou seja, tornar-se um indivíduo completo consiste em passar por ciclos todo o tempo, se construindo e se reconstruindo ao longo da jornada pessoal.

Ao longo da construção do personagem Gigito, busquei também beber da fonte mística do tarô. A figura do louco se encontra conectada a de Gigito por causa da necessidade que este tem de empreender uma viagem para enfrentar o mundo. Porque "este mundo, meu filho, é coisa para não se deixar por nada desse mundo" (COUTO, 2012: p. 124). Essa característica é tão pungente no personagem que o faz despedir-se de seu amigo e de seu ofício "vital vitalício" (COUTO, 2012: p. 23) que presta ao Cego Estrelinho, e essa despedida

7 O baralho do Tarô é composto de 78 cartas: 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores. Cada carta é repleta de significados e de possíveis leituras. O Louco faz parte dos Arcanos Maiores.

é um ponto nevrálgico na construção de Gigito.

Gigito é um personagem que se move ao longo da peça com acrobacias e histórias fantásticas, esse jovem tem uma energia vibrante e luminosa que permite criar as visões imaginárias do seu amigo, o Cego Estrelinho. Essa energia ágil e movente se aproxima também das características do louco do baralho. Na visão de Nichols "O Louco é um andarilho, enérgico, ubíquo e imortal" (2007: p. 39). Além dessa força ativa para empreender uma nova viagem, o louco também carrega a força dos opostos em seu caminhar, em sua sacola. O viajante carrega em si o caminho inteiro, assim como o rio que é a nascente e a foz ao mesmo tempo; dessa forma, o louco em si é a partida e a chegada da própria jornada. Essa dualidade presente em suas ações serviu de referência para criar as fragilidades de Gigito. Penso que quem toca os opostos é capaz de criar o que quiser. Pois, nessa contradição, apesar de Gigito carregar as certezas de que suas histórias são capazes de criar um mundo à sua frente, ao mesmo tempo ele ainda possui o peso de não saber ao certo o que é o dito mundo real.

No conto do *Cego Estrelinho*, Mia Couto fala que "Gigito Efraim estava como nunca esteve S. Tomé: via para não crer" (2012: p. 22). Mas ao longo da peça ele percebe que tem uma necessidade de conhecer outros horizontes, de ver o que tem atrás da linha que corta o céu; de ver esse mundo com os próprios olhos. Ele precisa ver para crer então. Essa contradição fez com que o personagem Gigito ficasse mais complexo e profundo.

Ao falar de complexidade, imediatamente me recordo dos comentários das professoras Fabiana Marroni e Felícia Johansson, que foram essenciais para o crescimento e aprofundamento desse trabalho.[8] Um dos principais comentários foi sobre a questão da firmeza de Gigito. O personagem parecia divinizado demais e não mostrava sua característica humana de duvidar, ele não hesitava. Levando isso em conta, procurei investir nesse ponto de fragilidade e fui percebendo as fissuras e rachaduras na figura de Gigito.

Ao estudar essas rachaduras e arestas não aparadas que poderiam trazer mais humanidade ao personagem, me utilizei ainda mais da referência do Louco. Sua existência lembra que sempre há uma rachadura até mesmo na mais firme estrutura. A presença da insanidade no louco faz lembrar que toda realidade corre o risco de desabar. O louco, tanto no tarô como no Gigito, se questiona dos limites do real, por isso ele caminha entre o sonho e a realidade, entre o ir e o ficar, entre o ser e o não ser. A figura do insano faz a ponte entre

8 Dentro do processo de diplomação passamos por duas etapas de montagem da peça, no final de cada uma dessas etapas, após a apresentação do exercício cênico coletivo, há uma banca avaliadora que analisa diversos aspectos da montagem, desde a questão mais coletiva geral até a mais particular e individual de cada intérprete.

mundos distintos, entre os opostos, e a tensão entre esses pontos extremos cria a complexidade humana presente na eterna incerteza da verdade.

O louco nos confunde às vezes com sua linguagem ora rebuscada ora esdrúxula de bufão. O louco também é um palhaço que nos faz rir e ao mesmo tempo nos lembra das mazelas esquecidas da vida. Gigito aparece com suas dúvidas e fragilidades mesmo quando está em plena força dentro de suas histórias. Por exemplo: ele se mostra distorcido no sonho da irmã, como o contraponto daquilo que fora anteriormente. Durante a primeira metade da peça ele se mostrava alegre e brilhante. Já no sonho, ele se apresenta irônico e sombrio. Através das suas mudanças, ele nos mostra as contradições presentes no sonho e no humano.

No livro *Jung e o Tarô*, vemos que a jornada do louco é uma viagem que cada um faz ao conhecer a si mesmo, o caminho sem fim de se construir e se reconstruir. Como vimos, Sallie Nichols, através de uma análise junguiana, relaciona o caminho do Louco ao processo de individuação pessoal. Igualmente, Gigito também desenha uma trajetória de autoconhecimento ao longo da peça. Ele empreende uma viagem e volta para trazer uma lição à irmã, mesmo que em forma de sonho. Entretanto não é possível saber o que ele faz ou o que vê quando vai embora, pois isso não é mostrado claramente na peça, ainda assim, quando ele volta em sonho, percebemos a urgência que ele tem de lembrar a irmã do quão importante é contar as histórias e manter o vínculo com as tradições antigas de família. Vemos, nesse percurso do Gigito, que a estrutura segue a lógica do caminho do herói mitológico que deixa sua cidade de origem, sofre provas e lições e depois volta ao círculo inicial de alguma forma divinizado ou transformado.

Essa jornada arquetípica do herói está presente em muitos mitos ao redor do mundo e é muito bem explicada no livro *O Herói de Mil Faces* de Joseph Campbell. Ele resume o ciclo em três fases: “O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnífica fórmula representada nos rituais de passagem: **separação – iniciação – retorno**” (1997: p. 36). Esse caminho se assemelha ao de Gigito, o de um sonhador que parte para o mundo, vivencia uma nova experiência, morre e retorna. De uma forma simbólica, morre algo nele que o transforma irreversivelmente. Pode-se supor até mesmo uma morte física que o leva para o outro lado da margem. Ao voltar ele deixa uma mensagem ou lembrança aos que ficaram na margem de cá. Esse é seu caminho de transformação.

Essa fórmula se assemelha também à estrutura clássica de início – meio – fim. Assim como se faz presente em diversos acontecimentos diários durante uma vida inteira. Ao analisar um mito, um personagem ou mesmo um percurso de vida, é possível perceber essas três etapas. A fórmula se encaixa onde quer que a imaginação e perspicácia permitam. Porém,

é importante levar em consideração também que nem tudo é tão simples e que essa é uma estrutura que sintetiza a forma básica das trajetórias mitológicas. Nesse ponto, nos deparamos com o paradoxo de ser único e ao mesmo tempo ser só mais um entre tantos. Campbell fala um pouco desse paradoxo:

> E, rememorando aquilo que prometia ser nossa aventura – ímpar, imprevisível e perigosa – tudo o que encontramos, no fim, é a série de metamorfoses padronizadas pelas quais homens e mulheres, em todas as partes do mundo, em todos os séculos sob todas as aparências assumidas pelas civilizações, têm passado.
> (CAMPBELL, 1997: p. 23)

Ao longo do processo de criação, pude me deparar com esse paradoxo diversas vezes, essa sensação de fazer algo próprio e autêntico, mas, ainda assim, algo coça atrás da razão e pensamos que qualquer outra pessoa poderia fazê-lo. Nesses momentos de dúvida e dualidade que não pertenciam somente ao personagem, que não eram induzidos e sim, inevitáveis, nesses momentos acabei mirando os reflexos de um curso inteiro. As paradas obrigatórias no processo para refletir sobre o próprio fazer teatral; as longas conversas para decidir quais seriam os conceitos mais adequados para levar na bagagem; refletir sobre as vontades e os desejos pessoais. Tudo isso que se passou ao longo de um ano e meio de (per)curso, esse acumular e transformar de dias e experiências compuseram nosso processo, ou melhor, nosso paradoxo de criação. O que foi realizado por todos, certamente, foi um reflexo direto do processo de aprendizagem que cada ator percorreu dentro do curso.

Assim cada um desenhou um rio dentro da graduação e todos esses afluentes criativos desaguaram em um único fim de montar o espetáculo *Abensonhar*. Aqui falo especificamente de minhas águas e dos encontros que enriqueceram meu aprender. Tudo que bebi ao longo da jornada dentro e fora das margens do curso foi colocado de uma forma ou de outra na atuação do Gigito. Descrever e relatar tudo que se passou até aqui para a culminância da peça seria tentar traduzir em palavras as sensações que muitas vezes foram indescritíveis. Por isso, peço emprestadas as palavras de uma companheira de viagem, Clarice Lispector, para explicar um pouco a minha própria passagem: “Eu aprendia. O que aprendi, já esqueci, mas tenho a certeza de que de algum modo ficou em mim” (LISPECTOR, 1984: p. 66).

6. ETERNA INFÂNCIA OU O ENSAIO SOBRE O SER CRIANÇA

A infância é um estado de alma.
Gaston Bachelard.

Este é um breve ensaio sobre o estudo dos *Devaneios Voltados Para a Infância* (BACHELARD, 1988: p. 93). O presente estudo analisa o arquétipo da criança e suas relações com o personagem Gigito e com o ato criativo em si. Para fazer essa análise, optei por fragmentar e apresentar algumas imagens e ideias separadamente, ainda que todas elas conversem entre si, separei um espaço para cada uma delas ter a liberdade de se movimentar à vontade. Pois no reino da infância toda liberdade é pouca, então escolhi abrir espaço para que cada uma tenha a liberdade de brincar à vontade, impulsionadas pelo espírito infantil que habita este trabalho.

Reafirmo o convite à viagem ao devaneio e peço que tirem os sapatos da razão que apertam a mente da criação em crescimento. E claro, sintam-se à vontade para brincar com seus próprios paradigmas!

6.1. Imaginação e Memória

Na poética do devaneio de Gaston Bachelard, encontramos um estudo voltado para os devaneios da infância. Nesse estudo, ele discorre sobre a profunda relação que a imaginação e a memória têm entre si. Uma de suas conclusões é que uma se torna débil sem a outra.

As lembranças se enchem de passado, mas depois de um tempo, não se tem plena certeza se aquilo que se tem na memória é exatamente aquilo que foi vivido, pois “o passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção” (BACHELARD, 1988: p. 99). É

que para o filósofo do devaneio, há uma grande diferença entre fatos ocorridos e a percepção psicológica deles. Quando nos lembramos, inevitavelmente, no processo de resgate da memória, atribuímos valores que modificam os fatos. Sendo assim, como ele mesmo diz: "para reviver os valores do passado, é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio" (1988: p. 99). Quanto mais se vive as memórias através da ótica da imaginação, maior e mais profundo é o salto dentro da própria alma. E os poetas nos dão o impulso para esse salto rumo ao mergulho dentro de si.

Podemos supor que memória e imaginação são amigas; mais que isso, elas são irmãs. Há quem diga que elas têm seus desentendimentos. Uns acham até que são totalmente opostas, já outros poderiam achar que devem ser gêmeas. O que acontece é que sem a ação motora da imaginação a memória se torna "um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada" (BACHELARD, 1998: p. 94). E somente uma imaginação sensível e livre pode, com o devido cuidado, reanimar e reviver as imagens primeiras vividas na infância. Pois essas imagens vividas pela primeira vez têm um frescor inigualável de novidade, do prazer e da descoberta. Na infância tudo é novo e tem o sabor único das primeiras sensações. Bachelard lembra que essas imagens e sensações de criança são únicas porque, diante da sua pequenez frente ao mundo das grandes medidas, a criança se vê, pela primeira vez, confrontando imensidões. E "a criança enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras." (1988: p. 97). Esse é o nosso primeiro encontro com o imensurável presente nas imensidões: o céu é infinito de azul; o tempo de uma tarde de brincadeira é um dia inteiro; a mãe é sempre a melhor do mundo; e o mundo é interminável aos olhos da criança. Esse tempo é o nosso primeiro encontro com o mundo em sua *infinitude* e, assim, reflexivamente, um primeiro encontro com a possibilidade da eternidade dentro si. E somente na junção da memória à imaginação é que encontramos uma forma de restituir ao nosso ser de hoje o espírito criativo da criança. Pois, creio, é revivendo as grandes imagens da memória que geramos a motivação para criar como artistas. Pois "só a criança permanente pode restituir-nos o mundo fabuloso" (BACHELARD, 1988: p. 113).

Porém, é importante ressaltar, que a infância a se reviver aqui não é a aquela mofada e nostálgica dos tempos que não voltam jamais. A infância que revivemos nos vem na forma da eterna criança que nunca morre em nós. Segundo Bachelard, é uma infância a ser continuada, que não deixa de existir, mesmo que tenhamos a clara sensação de que as forças pesadas do presente querem varrer essas memórias para o inconsciente, com a pobre ilusão de não precisar mais delas. Mas o artista tem fome tanto das imagens antigas quanto das futuras. E as

imagens primeiras, quando revivificadas se tornam forte material de criação.

6.2. Viver, morrer e renascer

A infância possui um tempo próprio: seus minutos são contados com dedos sujos ora de terra ora de chocolate. A criança mergulha de tal forma na substância da felicidade que não podemos mensurar quanto tempo a infância dura. Porém é inevitável o momento de crescer e seguir o curso do rio. Pergunto-me se esse momento seria a morte da infância: crescer é fechar as portas das primeiras imensidões e se acostumar com o dito mundo normal? Quando se torna adulto, o ser simplesmente desaprende os devaneios de criança? A inocência vai embora quando envelhecemos?

> Recordo ainda… E nada mais me importa…/Aqueles dias de uma luz tão mansa/ Que me deixavam, sempre, de lembrança/ Algum brinquedo novo a minha porta…/ Mas veio um vento de desesperança/ Soprando cinzas da noite morta!/ E eu pendurei na galharia torta/ Todos os meus brinquedos de criança…/ Estrada afora após segui… Mas, aí,/ Embora idade e senso eu aparente/ Não vos iluda o velho que aqui vai:/ Eu quero os meus brinquedos novamente/ Sou um pobre menino… Acreditai…/ Que envelheceu, um dia, de repente!…
> (QUINTANA, 2005)

Envelhecer é inevitável, mas como diz Mário Quintana, acontece de repente. Com ele foi assim e creio que é sempre assim com os poetas: acorda-se um dia já envelhecido de palavras. Para criar é preciso manter a criança interior quentinha e bem alimentada. Pois, segundo Stephen Nachmanovitch, autor do livro *O Ser Criativo*, “A musa mais poderosa é a nossa criança interior” (1993: p. 53).

De fato, a eterna criança interior nunca morre. Porém, ao longo dos anos, é comum sentir sua presença pulsante cair no sono. Se não cuidarmos bem dela, ela se entedia e fica longos períodos adormecida.

O cenário em que crescemos e envelhecemos inevitavelmente muitas vezes não é receptivo ao espírito faminto e instigante da criança. Aos poucos, impulsionados por um mundo que exige moldes e posturas convencionais, vemos a criança se afastar e “ficar de

mal”[9] com a gente. Esse cenário limitador do mundo é muito bem comentado por Nachmanovitch:

> O mundo real criado pelos adultos acaba se abatendo sobre as crianças, moldando-as gradualmente nos cidadãos que a sociedade espera que elas sejam. […] Lentamente, nossa visão começa a se estreitar. E então a simplicidade, a inteligência, o poder da mente que brinca se pasteurizam na complexidade, na conformidade e na fraqueza (1993: p. 108).

Essa pressão estabelecida pelo mundo para que sejamos “sérios e normais” é um grande atentado à natureza infantil essencial à criação artística. Quando desistimos de reivindicar nosso direito ao sonho e à beleza da novidade, quando abaixamos a guarda da criatividade e nos resignamos a um mundo puramente funcional e objetivo, nesse momento vemos a primeira morte da nossa criança. Essa é uma primeira morte simbólica da inocência. É nesse momento que vemos que imaginação e realidade têm fronteiras que foram construídas por outras pessoas, nos deparamos com a impotência no agir, damos de cara com um muro muito duro e rígido que, anteriormente, em nossas brincadeiras, não existia. Imaginação e realidade se apartam cada vez mais porque dentro de nós criamos esses limites e barreiras. Com o passar dos anos, a dita idade adulta nos força a perder a inocência da criança que acredita que tudo é possível.

Esse é um dos grandes desafios dos artistas: reviver a Musa, no meio do caos apressado desse cenário inóspito à criação. Porém a situação não é tão catastrófica quanto parece. Se a criança morre em nós, é para poder renascer de forma mais madura. A meu ver, um adulto que sonha e cria é um ser que revive a criatividade infantil sem desconsiderar as sabedorias aprendidas com as experiências da frustração. Os desafios encontrados no caminho, que minam a criatividade e tentam contra a vida da nossa criança interior, esses desafios devem ser vistos como forma de estimular nossa perspicácia criativa. Pois não existe jogo sem risco e quanto maior o perigo e os desafios mais adrenalina e prazer são liberados em nossas veias.

E ao caminhar é sempre bom lembrar que não estamos sozinhos. Somos únicos em nossa jornada, mas não somos os únicos a caminhar. Muitos já enfrentaram dificuldades e sobreviveram à medida do possível. Precisamos encontrar aqueles que “alimentam nossas manias” (BACHELARD, 1988: p. 39). O que quero dizer é que precisamos encontrar formas

9 Expressão muitas vezes utilizada pelas crianças quando se chateiam com alguma coisa ou alguém.

de alimentar nossos sonhos e nossa imaginação, senão a morte da infância criativa será cada vez mais irreversível. E os poetas estão no nosso caminho para nos relembrar desse espírito de encanto e novidade. E quando digo poetas não me restrinjo aos poetas da poesia escrita, me refiro a todos os artistas que nos ajudam a reabrir os olhos de dentro para a riqueza da vida.

> Quanto mais leio os poetas, mais reconforto e paz encontro nos devaneios da lembrança. Os poetas ajudam a afagar as nossas felicidades de *anima* [felicidades da alma]. Naturalmente, o poeta nada nos diz do nosso passado positivo. Mas, pela virtude da vida imaginada, o poeta acende em nós uma nova luz: nos nossos devaneios, pintamos quadros impressionistas do nosso passado. Os poetas nos convencem de que todos os nossos devaneios de criança merecem ser recomeçados. (BACHELARD, 1988: p. 100)

6.3 O renascimento da infância ou a eterna criança

A musa mais poderosa é a nossa criança interior.

Stephen Nachmanovitch

Lembrar através dos poetas, dos atores, lembrar e viver através de uma obra de arte é uma forma de criar memórias. As lembranças que se relacionam e geram novas experiências ultrapassam as formas limitantes que separam o que realmente foi vivido do que foi imaginado. Imaginação e memória se misturam e quanto mais melhor. O sonhador cria o seu mundo passado, e cada vez que o revive, o reinventa, o revitaliza, ele se torna mais brilhante e enriquecido de lembranças.

Essa relação entre imaginação e memória “torna-se um diálogo com nossos entes desaparecidos” (BACHELARD, 1988: p. 120). Pois quando reinventamos memórias, assim como quando inventamos palavras, tocamos aquilo que em nós parece inexistente, inventar é uma forma de lembrar o que se perdeu e ainda assim entrar em contato com algo novo. De certa forma, todo ato de inventar carrega em si um quê de descoberta. O próprio Mia Couto fala diversas vezes em entrevistas que de fato ele não inventa as palavras, elas já existiam, ele só precisava encontrá-las. Afinal, “ainda existe a famosa teoria de Michelangelo sobre a escultura: a estátua já está contida na pedra, sempre esteve contida na pedra desde o princípio dos tempos, e o trabalho do escultor é vê-la e libertá-la, retirando cuidadosamente o excesso de material” (NACHMANOVITCH, 1993: p. 17). Sendo assim, nossas lembranças

esquecidas, memórias que podem ter sido vividas por nós ou não, são reencontradas e reincorporadas ao nosso imaginário poético.

Podemos pensar que as obras de arte já existem e que cabe a nós artistas entrar nessa jornada de caça ao tesouro e revelá-las de sua origem. Nesse processo, é possível supor que o dito momento de inspiração só acontece se estivermos em um momento de expiração, o momento em que as ideias pairam e expiramos nelas um sopro de criação para materializá-las. Seria até mais apropriado chamar esse momento de transpiração. Há um ditado popular que garante que a inspiração só é aproveitada se ela nos encontrar trabalhando. E uma coisa eu digo, com certeza: ela encontrará muita transpiração quando chegar.

Os poetas nos ajudam a trilhar nosso próprio caminho em direção à criatividade, à criança interior, ao devaneio profícuo. Se por um lado há a morte da inocência, a perda da magia daquilo que é incrível, por outro lado, a retomada desse olhar maravilhoso sobre o mundo através da poesia nos abre as mesmas portas para a criação, aquelas portas que fechamos em algum momento de frustração, em algum momento em que nos sentimos traídos pela realidade. Nesse momento de retomada da consciência lúdica quando nos vemos entre as memórias de um tempo iluminado de criança e um tempo cheio de necessidades a serem supridas e tarefas a serem cumpridas que são exigidas pela idade adulta, nesse momento de verdadeira lucidez temos a oportunidade recuperar a capacidade que temos quando crianças de criar o que quisermos em nossos devaneios. Se antes a realidade era infinita, com a idade adulta, vemos cada vez mais a realidade se comprimir e se desgastar, parecendo cada vez mais repetitiva e monótona. Para fugir, ou melhor, para recriar nossa realidade precisamos superar essa sensação de traição, e abrir os ouvidos aos impulsos que nos ajudam a não desistir de sonhar.

> Todos nós temos que aprender o que significa ser traído pela primeira vez, e pela segunda, e pela terceira, até que perdemos os últimos resquícios de inocência e saltamos para a experiência. Chegamos a um ponto – ou melhor, uma longa série de pontos – em que nossa inocência e o jogo livre da imaginação e do desejo colidem com a realidade, com os limites entre o real e o imaginário, entre o possível e o impossível. (NACHMANOVITCH: 1994: p. 114)

Dessa colisão de realidades vividas na passagem da infância à vida adulta perdemos a inocência. De uma fase a outra, dependendo das ditas traições da realidade que sofremos, nos tornamos, aos poucos ou rapidamente, cada vez menos inocentes. Essas perdas simbólicas são como pequenas mortes que nos dão a chance de renascer, contudo, um renascimento marcado

pela experiência. Segundo Bachelard, “só se morre uma vez, mas, psicologicamente, conhecemos nascimentos múltiplos” (1988: p. 106). E se levarmos em cota que cada desilusão é uma morte que nos prepara para um renascimento, podemos considerar que nos renovamos a cada experiência adquirida. Passamos pela morte do descontentamento e renascemos para uma sabedoria, agregando nessa passagem o encanto da novidade de se ver novo, se ver transformado.

Se por um lado ganhamos muitas cicatrizes, por outro lado também ganhamos o aprendizado advindo da experiência. Como lembra Nachmanovitch:

> A verdade é que não podemos evitar o fim da infância; o jogo livre da imaginação cria ilusões, que se chocam com a realidade e se tornam desilusões. Perder a ilusão é uma coisa boa, é a essência do aprendizado, mas machuca (1993: p. 114).

E se o ser que atravessa os tempos da vida aprende a ver com os olhos de uma criança que tem fome de novidade, se ele, apesar de tudo, continua a ver o mundo através dos olhos do devaneio poético, e se a esse devaneio for somada a sabedoria aprendida com as frustrações e erros passados, então esse adulto, ou melhor, esse sonhador será capaz de criar sua realidade e, consequentemente, criar suas fontes de felicidade na vida.

Bachelard diz que, revivendo a infância, o sonhador se engrandece, se expande, pois “em todo sonhador vive uma criança, uma criança que o devaneio magnifica, estabiliza. (...) Um devaneio mais e eis que essa criança permanente, magnificada, se faz deus” (BACHELARD: 1993: p. 129).

Não há uma fórmula para reviver a criança, não há uma linha bem definida entre imaginação e realidade, não há uma linha clara entre o possível e o impossível. Por isso, cabe aos corajosos, enfrentar a grande resistência do dito mundo real, aprender a lidar com a turbulenta pulsão de criação que vibra dentro de si, e ser paciente e tranquilo o suficiente para fluir entre os desejos infinitos do mundo e os seus próprios.

E assim, chegará um momento que o tempo cronológico e linear já não será suficiente ao sonhador, ele criará o seu próprio tempo, caminhará entre suas memórias sem se preocupar se elas apontam para o passado ou para o futuro, para o céu ou para a água, para o fulgor do fogo apaixonado ou para o frescor das brisas leves que trazem novos poemas. Seus ventos poéticos e criativos podem apontar para a direção que lhe convier. Pois “o ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice” (BACHELARD, 1988: p. 96).

6.4. Gigito, inventor de memórias

Tudo o que não invento é falso.
Manoel de Barros

Depois de voar pelos caminhos dos devaneios voltados para a infância deixados por Bachelard, com algumas interferências das palavras do meu amigo do ser criativo, Nachmanovitch, volto os meus olhos e palavras ao companheiro de tantas viagens, Gigito, o contador de histórias. Depois de atravessar esses caminhos reflexivos da memória e da imaginação volto com outros olhos ao guia do Cego Estrelinho e também meu guia de devaneios.

Ao contar suas histórias Gigito transforma os ouvintes em viventes da experiência acontecida em frente a olhos videntes ou não. No caso do Estrelinho, seu grande amigo, o guia Gigito cria as histórias para que os olhos de dentro do cego possam se abrir. Assim, as histórias, à medida que são contadas são vividas e encenadas, e cada vez mais, se tornam memórias criadas pelos ouvintes. Na peça *Abensonhar*, essa vivência e interferência na história se tornam bem visíveis e evidentes. Enquanto Gigito fala os personagens e figuras presentes na narrativa parecem impulsionados pelas palavras do narrador. Uma de suas histórias contada na peça é o conto de um "gajão estivador que carrega seus muques e pacotões no porto" (EFRAIM, 2014: p. 8). Esse gajão é Zé Paulão, o *musculíneo* mais desejado das redondezas. Mas o objeto de desejo das vizinhas "*afestalhadas* de tesão" (COUTO, 2012: p. 87) carrega uma triste situação: a mulher o deixou. Ninguém sabe ao certo porque, só se sabe que ela era como uma rosa e era linda, seu nome era Rosalinda e deixou Zé Paulão por causa de um desapontamento profundo. Quando Gigito narra seu drama, ela irrompe a cena com seus lindos cabelos ao vento da imaginação. Se Gigito diz que ela estava chorando então a gaja deságua a chorar, se fala que a moça caiu, de súbito ela despenca em suas tristezas. Esse é um exemplo de como o narrador interage com a história que está sendo contada e também encenada.

Ao passar por *contações* viventes criamos a clara imagem dessas histórias, vemos uma nova história cada vez que ouvimos um relato de alguém, sendo assim, ouvir é uma forma de viver, é uma forma de lembrar. No próprio ato de contar, Gigito recria as histórias que tanto ouviu. Nas suas *contações* não sabemos ao certo se são memórias suas, se são memórias contadas por alguém ou se são imagens que se fazem no instante da narração. Vemos, então,

as irmãs memória e imaginação brincando juntas no jardim de Gigito.

Inventar é soprar novas palavras no tempo da lembrança. E a linguagem é a chave que abre as portas das novas memórias, as memórias que estão por vir. Aquilo que é fruto de imaginação vem à tona em átomos de futuro, as imagens se movimentam formando novas imagens, as memórias dançam juntas numa alegria de palavras, então a ponta da língua se torna o limite da palavra e o começo da ação. “O devaneio faz-nos conhecer a linguagem sem censura” (BACHELARD, 1988: p. 54). Através do seu devaneio de palavras, Gigito “estende a história até o limite do irreal” (1988: p. 117).

E nessa ventania de memórias, vivi Gigito, aquele jovem viajante, aquele rapazinho que ainda caminha no seu ser menino, o rapaz que não deixa que o tempo da infância criativa passe, aquele velho moço que já viveu muito nas suas histórias e que anseia viver novas experiências, o jovem velho que sabe que atravessar as águas do tempo é navegar em memórias, porque “quando o rio é tempo, quem navega é a lembrança” (EFRAIM, 2014: p. 8).

O espírito jovial da criança está sempre brilhando nos olhos de Gigito. Ele foi construído a partir disso: da novidade de viver, do desejo de ver o mundo com os olhos da infância. Seu porto de partida foi esse, mas ele não para por aí, se recria a cada apresentação, se recria a cada lembrança da sua figura, inclusive ele se transforma até mesmo ao longo do curso dessas palavras que aqui escrevo. Enquanto isso, a criança que o movimenta continua a balançar, para lá e para cá, nos movimentos da imaginação, essa criança vive o espírito da diversão, do prazer da criação, da constante novidade da descoberta, da felicidade diante das primeiras imensidões.

A criança que vive em cada um é uma fonte infindável de criações. “A infância é uma água humana, uma água que brota da sombra” (BACHELARD, 1988: p. 106). Gigito flui através das águas de um rio de lembranças nadando com as aves, porque quando uma lembrança é aumentada pela imaginação ela alça voo, as aves se tornam *memoraves*. Gigito se recria a cada voo das memoráveis lembranças, *memoraves* crianças que estão sempre abertas aos recomeços.

> Quantos seres temos começado! Quantas fontes perdidas que no entanto têm corrido! Então o devaneio voltado para o nosso passado, o devaneio que busca a infância, parece devolver vida a vidas que não aconteceram, vidas que foram imaginadas. […] No devaneio retomamos contato com possibilidades que o destino não soube utilizar. (BACHELARD: p. 106-107)

Sendo assim, inventar é uma forma de lembrar. Cair no esquecimento pode ser uma oportunidade para uma nova lembrança. Gigito brinca com essas possibilidades de memória, ele é um inventor de memórias. Como diria meu amigo Bachelard: “quando o poeta inventa essas grandes imagens que revelam a intimidade do mundo, não estará se recordando?” (1988: p. 105).

Em uma de suas aparições, Gigito conta da sua dificuldade em se lembrar dos fatos como aconteceram no passado, ele diz que só inventa porque não se lembra, nesse momento ele está sob a deformação do sonho noturno, o sonho sem limites, pois “o repouso da noite não nos pertence. Não é o bem do nosso ser. O sono abre em nós um albergue de fantasmas” (BACHELARD, 1988: p. 60). Nessa passagem, Gigito é sonhado pela irmã Infelizmina, a moça que perdeu a capacidade de devanear o mundo e contar suas recriações da realidade, ele a lembra que ele mesmo não tem boa memória. E isso, por sua vez, nos lembra que temos a liberdade de inventar a realidade que nos rodeia, temos em nossas memórias o direito de sonhar o que se vê, tudo é possível até mesmo ver “estrela no mar, peixe no céu”[10].

Ter o direito de sonhar seria, então, um apelo à liberdade? Seguir através dos devaneios aquilo que a imaginação permite inventar seria uma forma de reinvindicar uma liberdade primeira? Libertemo-nos, pois, daquilo que poda as ramificações imaginárias, que tolhe nossa criança que é uma cria da criatividade em pleno voo! Por fim é chegada a hora de a pessoa reivindicar seu direito à liberdade, uma liberdade que tange o inconsequente sem limites. Entregue ao fluxo do devaneio, a pessoa fica face a face com o poético desnudo e sem certezas de fim. Pois nessa hora de possibilidade infinita da criação se quer a inconsequência do sonhar sem fronteiras. Nesse momento, diria Clarice Lispector: “Eu quero a inconsequência. Liberdade? É o meu refúgio, forcei-me à liberdade e aguento-a não como um dom mas com heroísmo: sou heroicamente livre. Eu quero o fluxo” (1998, p. 16). Enfrentemos, pois, com bravura, nosso direito ao devaneio!

10 “Estrela no mar peixe no céu olha a lua dentro do meu chapéu” Música de Denise Emmer (1982) utilizada no espetáculo. Esse verso é uma das sínteses da linguagem do Gigito.

7. NA TRILHA DAS ÁGUAS

> E lá se vai o barquito rio abaixo rio acima levando a menina e seu avô. O rio que atravessa o mundo inteiro, sem início e sem fim, que nem o tempo. E as lembranças são peixes nadando ao invés da correnteza. Ou melhor, as lembranças não são peixes, são pássaros e se houver uma inundação, só se for de céu. Aí é uma repletação de nuvem onde se empuleram esses tais pássaros, aves, memoráves. (EFRAIM, 2014)[11]

Essas são as primeiras palavras de Gigito na peça *Abensonhar*. Com essas palavras Gigito guia o Cego Estrelinho pelos caminhos das águas do tempo, um rio que atravessa todo o mundo com suas águas *temporosas*. Suas palavras pingam de sua boca ora como uma pequena chuva de verão ora como uma torrente incontrolável onde até mesmo a razão *desconsegue* acompanhá-lo.

A peça é fortemente banhada por essa poética das águas. As palavras fluem por esse rio de lembrança e as histórias contadas são memórias inventadas que guiam o Cego Estrelinho e os expectadores através dessas águas. Essa poética brotou principalmente do conto *Nas Águas do Tempo*, da fonte literária de Mia Couto em suas *Estórias Abensonhadas*. Para fazer a passagem das histórias do livro para a realidade cênica, optamos por deformar os limites do conto e de nossa imaginação. Aceitamos a liberdade de borrar as fronteiras entre o literário e o dramático. Utilizamos as metáforas e imagens surgidas das águas e do tempo para costurar uma dramaturgia úmida e porosa às nossas vontades criadoras de artistas.

A nuvem que me coube nessa tempestade foi a de preencher e criar o contador das histórias que se cruzam durante a peça. Coube a mim criar Gigito Efraim. Então fechei os olhos para abrir melhor os ouvidos. Pois para abrir o olhar de dentro, percebi que é preciso abrir silêncios em si para ouvir o canto das águas. Então de corpo inteiro mergulhei nesse som. Aprendi que é preciso respirar, mesmo estando totalmente submersa. Deixei-me inspirar

---

11 Essas palavras são uma livre paráfrase de um trecho do conto *Inundação* presente no livro *O Fio Das Missangas* (2009) de Mia Couto.

e transpirar. E como transpirei. Entendi que suar também é uma forma de falar. E aos pouco percebi que os sons de água que me guiavam poderiam sair da minha boca. Na verdade, percebi que a água poderia preencher todo o meu corpo. “Um grande rio de poesia me atravessa, doce…” (BARROS, 2010: p. 75).

Perco-me? Talvez. Mas sempre carrego no barco a certeza de continuar. Como as águas que sempre seguem seu fluxo, continuar. Continuemos, pois.

7.1. Um corpo d'água

> Para entender nós temos dois caminhos: a da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender mas para incorporar. Entender é parede: procure ser árvore (BARROS, 2010: p. 178).

Seguindo o caminho da sensibilidade escolhi entender Gigito pelo corpo todo. Sua criação aconteceu por meio da conexão dos movimentos do devaneio estreitamente ligados aos movimentos físicos. Mas acima de tudo, entendi que era preciso deixar que os movimentos seguissem as vontades das águas. E do corpo inteiro saia um som de águas. O fluir das ações compunha com os sons *palavrosos* que me saiam da boca. Para ser Gigito tive que beber muita água até os goles preencherem as mãos, pernas, troncos, galhos, escamas, penas... O corpo feito de água de Gigito se formava a cada gole de poesia que tomava. Embebedei-me de palavras. A ressaca me vinha no dia seguinte com uma ideia nova. Era tanta água que não cabia no corpo, e ela sempre exalava pelos poros, pela boca.

Abri uma mesa de bar em mim para conversar e nessa bebedeira poética encontrei muitos companheiros de goró, os principais foram o Mia, o Gaston, o Manoel e vez ou outra no fim da noite, quase de manhã, a enigmática Clarice se sentava ao meu lado. Certa vez, Manoel me disse: “A água passa por frase e por mim. Macerações de sílabas, inflexões, elipses, refegos. A boca desarruma os vocábulos. E os deixa em lanhos na beira da voz.” (BARROS, 2010: p. 259) Entendi com ele que “as águas são a epifania da criação” (BARROS, 2010: p. 455).

O curso de minha criação seguia esse caminho aquoso, *riachoso*. Uma coisa aprendi

com as águas: elas sempre precisam correr, fluir. A construção do corpo da fala e da fala do corpo aconteceu como um encontro de rios, as águas se misturam e por mais que se saiba de onde vem a fonte, uma vez que as águas estão juntas elas se transformam numa só. “O menino caiu dentro do rio, *tibum*, ficou todo molhado de peixe…” (BARROS, 2010: p. 95). Um rio em plena nascente dentro de mim. O corpo de Gigito tinha necessidade de pássaro, precisava voar, o chão era pouco para o seu fluir. Seus movimentos aprenderam a dançar com as palavras. E seu corpo era feito de água e de sonhos.

O corpo d'água precisava se movimentar. Mas já tinha um rio dentro em movimento. A cada cambalhota que dava, sentia o estômago embrulhar-se e em seguida, logo uma palavra desaguava em rebentação de ideia. “Não podia virar cambalhotas que o rio desaguava nele. (…) Começou a chover palavras no enxurro. (…) Se andasse de cabeça para baixo o rio escoava. Tinha de ficar de pé segurando o casaco do sol!” (BARROS, 2010: p. 154) Para Gigito todo voo era pouco e sempre podia se esperar o inesperado dele. Por fim, compreendi que as acrobacias que fazia em cena não eram mera virtuose e gosto pelo risco, era de fato o jeito dele falar. As piruetas de corpo inteiro eram o seu falar. E como falava!

7. 2. Quando o rio é uma estrada

Ao longo das águas de *Abensonhar*, Gigito dá pequenas pistas de que sente uma vontade muito grande de conhecer o mundo, uma vontade de voar, de sair daquele lugarejo sem nome e sem destino. De tanto ouvir o som das águas do rio do tempo, ele foi aprendendo que o maior desejo da água é o de correr. As águas seguem o fluxo sempre, elas sempre fluem adiante. Até que chega um momento em que Gigito entende que precisa correr livre como a água, precisa escoar rio afora pelos horizontes, virar vento d'água, virar nuvem. Nesse instante ele percebe que todo rio é uma estrada e essa conclusão é um dos últimos avisos da ida de Gigito. Até que um dia ele “botou o rio no bolso e saiu corrento.” (BARROS, 2010: p. 153)

Em um de meus estudo encontrei um resumo da história de Gigito, no meio de algumas *ignorânças* (2010) de Manoel de Barros:

> O que ele era, esse cara, tinha vindo de coisas que ele ajuntava nos bolsos (…) Coisas que ele apanhava nas ruínas (…) De forma que recolhia coisas de nada, nadeiras, falas de tontos, libélulas – coisas que o ensinavam a ser interior, como silêncio nos retratos. Até que de noite pôs uma pedra na cabeça e foi embora. Estrelas passavam leite nas pedras que carregava. Vagou transpedregoso anos. (…)

> Um dia chegou em casa árvore. Deitou-se na raiz do muro, do mesmo jeito que um rio. (2010: p. 241)

Gigito se despede. Deixa que os limites o transponham (BARROS, 2010, p. 56). Pega o curso do rio e segue vida afora. Não se sabe para onde vai ou o que quer. Sabe-se que apenas de algumas *nadeiras* dele: que é um ser de devaneios, um contador de histórias, um inventor de memórias, um jovem andarilho, um grande amigo. Enfim, com ele aprendi que toda viagem sempre está prestes a ser iniciada. Boa viagem!

ESPELHO D'ÁGUA: UMA CONCLUSÃO RETICENCIAL

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: elas desejam ser olhadas de azul – que nem criança que você olha de ave.

Manoel de Barros

É chegado mais uma vez o momento de escrever sempre. A partir de agora, como outras vezes, mas agora mais urgente, pois todas as outras estão também contidas nesta. Vou treinando essa língua de lamber papéis intelectuais e literários. O exercício dessa reflexão me permitiu olhar as luzes que refletiam da minha escrita. Ao chegar nesse ponto que estou, creio que uma conclusão pontual não seria suficiente. Se é que pode-se concluir alguma coisa, chamaria essa conclusão de *reticencial*, pois esta não possui um ponto final. É mesmo um absurdo, mas "será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia? (…) Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças." (BARROS, 2010: p. 469)

Preciso falar primeiro, antes que o esquecimento mastigue as memórias e sensações, preciso dizer um pouco de como foi apresentar mais uma vez o *Abensonhar*. (Embora que dizer mais uma vez seja apenas uma expressão, porque da forma como foi reestruturado após a primeira fase de apresentação e reconstrução, o espetáculo se tornou novo e estreou de fato somente no dia 22 de maio de 2014[12]). E foi nessa temporada de estreia que apresentamos o nosso miúdo, nosso pequeno, nossa cria aos expectantes expectadores de nossa peça. Digo tudo isso somente para introduzir meu relato sobre a experiência de apresentar. Mas poderia continuar estendendo essa etapa de *palavrosa* introdução para me dar mais tempo de escolher as melhores palavras. Pois como tenho aprendido, as palavras são mágicas e é preciso usá-las com perícia de mago. Mas preciso ser igualmente perspicaz e mágica para entoar as palavras de forma certa. Tenho sentido que sempre que tento escrevê-las ou elas ficam aquém à experiência ou se empolgam e voam além do que se passou, elas tornam-se tão exuberantes que ultrapassam a função do relato crítico e razoável. Mas creio que tenho a liberdade de extrapolar minhas sensações e criar outras sensações poéticas com minhas palavras, principalmente seguindo o pensamento do devaneio e do sonho que sempre me guiam.

E o caminho da linguagem que o devaneio segue cria bolhas de sentido que podem estourar se não se transformarem em ações criativas. Essa linguagem do devaneio não segue

12 Temporada do Abensonhar: seis apresentações no teatro Sesc Garagem entre os dias 22 e 25 de maio de 2014.

um fio lógico e muito menos cronológico. Creio que minha forma de criação, de quase tudo, se assemelha a esse caminho *devaneótico*[1] que mantém uma relação muito estreita com as minhas fontes criativas e inconscientes. Ao longo do curso, pude perceber essa forma de criação se estabelecer e criar suas próprias estruturas e a partir dessas estruturas, pude desenvolver as minhas próprias técnicas e abordagens dentro de um processo criativo. E "o único caminho para escapar á complexidade é atravessá-la. Em última instância, as únicas técnicas que podem nos ajudar são aquelas que nós mesmo inventamos" (NACHMANOVITCH,1993: p. 22).

Minha dúvida reside no fato de não saber começar. Quando se trata de sonhos só sabemos quando esses terminam e não quando começam. E agora, mais uma vez te confundo, leitor, porque ao finalizar me questiono sobre como começar. Pois creio que a cada final nos abre uma nova chance de começo. Comecemos mais uma vez.

Posso dizer que esse sonho *Abensonhado* não acabou, e sim está realizando-se. Sonho, então. Se tem uma coisa que peço ao meu Deus, desconhecido de nome e sabido de vida, peço-lhe que eu nunca pare de sonhar, pois isso me move e, ao mesmo tempo, dá vida às minhas criações artísticas. Permito-me sonhar como criança, criar com os *sonhismos* meus e do mundo. C*riançar.* Pois quando aninho-me à criança que em mim mora, em memória do tempo de sonhar, crio, cria, assim, *crianço*.

Então começo por aí, *Abensonhar* tem sido uma espécie de sonho lúcido que vivi e que vivo. A oportunidade de ser Gigito, de ser um contador de histórias *miraginante*, tem sido uma das coisas mais belas que já vi, vivi e *invivi*. Vivê-lo como atriz sonhadora que sou; viver a apresentação e a materialização dos sonhos de um coletivo num teatro cheio de possibilidades. Ainda mais em um teatro onde vi tantas peças que ainda moram em mim e que me reviveram a vontade de fazer teatro que é o Sesc Garagem. Ver o *Abensonhar* se tornando realidade compartilhada com tanta gente de olhos brilhantes. Ver a realidade se transformando na minha frente e na frente de todos que lá estavam. E ver os olhos de dentro da plateia se abrindo foi uma das melhores experiências que já brilhou nos meus olhos de dentro.

Explicar como foi a sensação somente com palavras é difícil, mas não impossível. Ou melhor, quanto mais impossível melhor e mais instigante a uma alma sedenta de desafios. Sim é possível fazer sonhos com palavras. Então, prossigo. Ver é um dos principais exercícios que tenho aprendido com meu amigo *miravilhoso*, Gigito. Ver e ver (de) ver(dade) com os olhos de dentro que são capazes de criar universos reais e incríveis.

---

1 Neologismo criado em uma das reuniões de orientação com a prof. Márcia Duarte. Seu significado refere à junção do devaneio ao caótico. Ótima palavra para caracterizar minha forma de criar.

Toda pessoa é um universo pulsante. E colocamos nosso universo criante e brincante que é unificado na peça *Abensonhar* frente aos olhos de tantos outros mundos possíveis, fizemos colidir as estrelas das individualidades de cada um, tanto dos atores quanto dos expectadores em ação de assistir, essa experiência foi a sensação de criar o inatingível apenas com a força do encontro. Creio que *miraginar* seja isso: ver além e criar mundo a partir do que se vê.

Lembro-me então do conselho de meu amigo em quimeras, Bachelard em relação a criação de palavras novas:

"Mas nem tudo está dito quando se criam palavras. É necessário acautelar-se para não falar linguagem velha com palavras novas" (BACHELARD, 1988: p. 64). E já de sobreaviso, escolho, consciente, a palavra do nosso amigo, poeta e inspirador Mia Couto, pois foi exatamente essa a sensação: *miraginar*. Mirar e ver a imaginação, em vias de mão dupla, passear pela realidade e pelo sonho.

Enfim, a concretização da peça em forma de apresentação me fez inteiramente *miraginar* os territórios do possível. Todo sonho é possível, se este passar pela imaginação criadora. A imaginação que vê e modifica, fazendo-se dançar linda em pleno voo artístico. Em outras palavras, uma delícia.

Mas isso não é tudo. A delícia não para por aí. Deliciei-me nos braços de um curso que me ensinou a me mover na direção da criação poética e artística. Um percurso de aprendizagens, de vivências, de experiências, palavras, olhares, sonhares e sonares. E fui aprendendo com esses muitos fluxos a me movimentar através de mim e nesse caminho movimentar as imaginações que me rodeiam. E como já disse, não busco concluir, busco reticenciar… para poder sempre iniciar essa impressionante viagem ao saber-se.

ANEXO A - Inventário de Falagens Abensonhadas, pequena seleção de palavras e expressões Miacoutianas

Este é um pequeno ajuntamento de palavrosas criações litero-inventinvas de Mia Couto. Suas abensonhadas estórias são o leito de nosso rio que está por se fazer, o rio que brota da nascente literária e caminha temporoso através de fluxos diplomacênicos. Essas palavras e expressões coutianas fazem parte da fauna e flora que rodeiam e alimentam nosso imaginário aquoso.

Nas Águas do Tempo (p. 9)
ENFILADO, DEVAGAROSO, CABACINHAVA, DESABANDONADO, MUSCULÍNEO, SOLAVANQUEAVA, ENSONADA, NENUFARFALHUDAS, SONECANDO, CACIMBAÇÕES, AZEDURA, AVENTUROSOS, APOUCAVA, SEMIFULANO, MIUDAGENS, AFLAUTINADOS, COSTAS-POSTERIORES, REMOINHO, DESEQUILIBRISMOS, BARAFUNDIDO.

"Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos."
"Vovô, era dos que se calam por saber e conversam sem nada falar."
"em flagrante infância, sempre arrebatado pala novidade de viver."
"A água e o rio são irmãos gêmeos. Nascidos do mesmo ventre."
"não podia haver homem mais velho que meu avô."
"feito só de metades"
"ouvidos se arregalaram"
"havia menos que ninguém"
"Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades"

Flores de Novidade (p. 15)
NASCENÇA, ESPANTADAMENTE, CRISTALINDA, DESACERTADA, ARANHIÇAR, DESPEGAR, TODO PAI, FILHA NENHUMA, MIOLO MIUDINHO, DORMITAVA, EPILAPSOS, DESALCOROÇAVA, ZULULUAVA, CORRE-MORRE, CAMIÃO, ZONZEIRAS, VORAGEM, CAMINHONISTA, VOZEARIAS, TERRA ABAIXO, SUSPLANTOU.

"A noite já roia as unhas à madrugada"
"pacto com o silêncio"
"cuspidor de incêndios"
"atrapalhando o caos"
"Voz de riachinho"
"barulho enlameado"
"desenvenenava o tempo"
"não mexeu palavra"

Cego Estrelinho (p.21)
DESVISTADO, SIAMENSAL, PROFÍCUA, PAPAEIRA, MARAVILHAÇÃO, IDEAÇÃO, DESBENGALE-SE, ESCUREZA, DESALENTADA, SUBTERFUGINDO, SOZINHANDO, ESPONGÍNQUO, INEVISÍVEL, DESAMIMADO, INIMAGENS, INVIAS LÁCTEAS, TINTUROSA, PITOSGANDO, ZIGUEZAQUEARAM, TRESVOAVA, EMBEVENCIDO, SOBREASSALTADA, EMBATIDO, SONOITAVA, TRISTONHAVA, MIRAGINAVA,

DESENVENCILHADO.

“Pessoa de nenhuma vez.” “manuscrito da mentira”
“O sempre lhe era pouco o tudo era insuficiente”
“falava pela ponta dos dedos.” “meus olhos tocam”
“aquilo que, na raça humana, é menos primitivo: o animal.”
“céu do cego fica em toda parte” “branca de amanhecer”
“Sozinha e triste é a remela no olho do cego.”
“ali que as cobras vinham recarregar seus venenos.”
“o pouco se fazia tudo e o instante transbordava eternidades.”

Na esteira do parto (p. 27)
ESGARES, TIMIÚDA, ASSENTAR, DERREADA, INEXATIDÃO, RIPOSTOU, METAMORFASE, DESCONTORCIDA, FERRUJADO, DISPLICIENTÍFICO, ALHEADO, DESPROGREDIA, SOFRIMENTADA, DESBARRIGAR, PORRADARIAS.
“Fiar conversa” “descascava o tempo”

O perfume (p. 31)
SUBVIVENTE, RAMERRAMES, ESPARRAMEJAR, CIUMAR, SONAMBULENTA, NAMORISCAVAM, AVESPANDO-LHE, EMBASBOCADA, ESPANTALHADA, ESTRELEJO.

“Cor de presente” “roubador de espantos”
“O amor, afinal, que utilidade tem?” “gosto do cheiro”
“As estrelas são os olhos de quem morreu de amor. Ficam nos contemplando de cima a mostrar que só o amor concede eternidades.”
“Glória colheu a lágrima com dobra do próprio vestido.”
“Lágrima é água e só a água lava tristeza.”
“Espremeu o vidro do cheiro.”

Calcanhar de Virigílio (p. 37)
REPETEPETE, CACIMBOLENTAS, TRANSPORTAÇÃO, DEBICAR, DESAVIZINHARAM, DESORAS, CABISTONTA, MATEMATICAR.

“Verdade é a mentira que não fala a língua do pensamento.”

Chuva abensonhada (p. 43)
TINTINTINAR, PERFUMEGAVA, INDAGUAVA, CANTAROSA, DESCORTINADO, CHUVADAS, BICHEZAS, LONJEIA, MURMURRINDO.
“A terra perfumegante semelha a mulher em véspera de carícia.”
“A janela: não é onde a casa sonha ser mundo?”
“Meninos que sabem do mundo a alegria de um infinito brinquedo.”

O cachimbo de Felizbento (p. 47)
RECÉM-RECENTE, ESPRAIANDO, SUMARENTAS, VIVENTES, DESCALCIDÃO, DEPRESSASSE, INCONDIZÊNCIA, REENTROU, DESMALASSE, INUTENSÍLIO.

“Toda estória se quer fingir verdade. Mas a palavra é fumo leve demais para se prender na vigente realidade. Toda verdade aspira ser estória. Os fatos sonham ser palavra, perfumes fugindo do mundo.”
“a vida se tornou demasiado mortal.” “fervorosa de verde”
“de noite, os seres mudam seu valor. O dia mostra os defeitos do mundo (...). À noite, se olha mais, se vê menos.”
“infância que só na velhice se encontra.”
“remexeu nos bolsos um esquecimento.”
“Que sonhos convidam aquela mulher a existir?”

Poente da Bandeira (p. 53)
AURORAVA, NEBLINUBLADA, AZULANDO, PERMEOLHÁVEL, ARCO-IRÍSCA, ENSONAÇÃO, PIRILAMPEJAVAR, EXTRACRANIANA, NUAMENTE.

“Quem é esse menino que faz do mundo outro menino?”
“Pra sonhar o menino tinha que sangrar.” “a luz tomba de joelhos”
“Onde há uma palmeira sempre deve ser inventado um mar, eternas ondas morrendo.”
“sumiu, mas para sempre ficará sua ausência”

Noventa e três (p. 57)
ANIVERSARIAMENTE, POEIRANDO, VIDENTE INVISUAL, TEMPITO, MALANDRICE, FARFALHANTE, INTERVALAVA, DESCONFINADO, VAVÔ(avô), NENHUMITA, RAMELOSO, MALANDRAVA, JARDINZITO, GARGALHOTAR.

“Sua bengala, a partir de hoje, sou eu.” “um olhar silencioso”
“não há mão mais segura que a do cego. Porque o cego agarra o que há e o resto não acontece. Lugar de quem não vê está sempre certo: afinal, só erra quem pode escolher (...). Tudo estando longe da vista, fica perto do coração.”
“O cego deve dormir de ouvido”
“suspirando uma felicidade”
“Hoje um toque, amanhã um retoque.”
“Mas a ilusão de se estar certo nasce de todos estarem errados no mesmo momento.”
“as mentes vão embora, as mentes se vão tornando líquidas.”

Jorojão vai embalando lembranças (p. 63)
MAL-DESENTENDIDOS, PRESSENTIMENTALISTA, AUTORITOSOS, OLEOU, DESGLÓRIA, DESINVENTADO, ARTIMANHOSOS.

“retrato de alma inteira” “nos coloniais tempos” “desditosos ditos”
“tudo corria tão bem que começaram a desconfiar”
“O trabalho é como um RIO: está-se acabando e o que vem atrás é ainda não.”

Pranto de coqueiro (p. 69)
ATARANTONTO, TRAPALAHÇO, AMNÉSICAS, INOCORRÊNCIAS, OBSCLARAS, EXCRESCER, VENTANIAVA, TREJEITOSAS, MILVAGAROSO, PEDIRCHORAR, CHAMAMENTOS, GALINHETAS, ACREDITEÍSTAS, MENINAR.

“As mãos boquiabertas” “boca em assombro” “cabeça ajoelhada no peito”

“A dúvida, sabemos, é a inveja de não nos suceder a nós as impossíveis surpresas.”
“mas o sagrado tem seus métodos, as lendas se sabem defender.”
“o princípio de que para meio entendedor duas palavras não bastam.”

No rio além da curva (p. 75)
SOBREASSALTEADO, ABSTENSO, ACORBARDAR, BICHORÃO, ESTREMURCHOU, INESPARADO, ZARAGATUNAGEM, ENORMEZA, DESENGENHOSO, ENCANTÁVEL.
“O medo é um rio que se atravessa molhado.”
“O luar é bom mas não chega pra tirar o espinho do pé.”

O abraço da serpente (p. 81)
CACIMCALINHADO, MANDIBULARMENTE, DESVIVER, COCEGOU, TRANSPÁLIDO, MONSTRIFORME, MORDEDURA.
“O avesso da vida não é a morte mas outra dimensão da existência.”
“A morte tem sempre onde cair em nós.”
“A cobra é bilíngue para mostrar que todo animal esconde sempre outra criatura.”

Sapatos de tacão alto (p. 87)
BARBALHUDO, SOZINHEZ, TUGAZINHA, MACHEZAS, SONAMBULANTE, VALÊNCIA, TIQUETAQUEAVAM, CORPÃOZUDO, POSCEPÍCIO, HECATOMBANDO.
“Nesse lugarzinho, os portugueses punham sua existência a corar.”
“Trazeiras da realidade.” “meus ouvidos se arrepiaram”
“riso por trás dos dentes, dentes por trás das mãos.”

Os infelizes cálculos da infelicidade (p. 93)
EXTRANUMERÁRIA, ATARANTONTO, IDIMENSIONAL, DESIDOSA, DESILUSIONISTA, SEXOGENÁRIO.
“A erva se enerva, mesmo sabendo-se acabada em ruminagem de boi.”
“quanto mais sexo, menos nexo.” “olho por olho, dente prudente.”
“A paixão é o mundo a dividir por zero.”

Joãotónio, no enquanto (p. 99)

SUBCORPÓREA, ANTESCUTAR, MEDONHAM, ARDÊNCIAS, DERRASPADO, ENXAMEARAM, FILOSOFICES, CALAFRÍGIDA, INTACTEÁVEL, CRISTALINDOS, BACANALEIRA, DERACIOCINAR.

“Não me importa a voz do invisível mas a outra, silenciosa, subcorpórea, capaz de tantas linguagens como a água.” “até o presente atual”
“A voz da pessoa esconde o doce sabor do sussurro. A voz encobre o suspiro.”
“Beijo não se dá nem se recebe. A vida é que beija, recíproca. Repito, mano: a vida é que nos beija, dois seres se resumindo num único infinito.” “Conversa afilhada”
“A verdade tem versões que até são verdadeiras.” “lugar de baixa seriedade”
“As ideias delas [das mulheres] nascem num lugar que está fora do pensamento.”

“como não ia dizendo”

Os olhos fechados do diabo do advogado (p. 105)

ALMA PERNADA, EMPERDIGORDO, NAMORADIÇO, COCEGOSAS.

“pousou a paciência na palma da mão.”
"Aposto que o senhor não sabe chorar direito. Chorar tem as suas técnicas, doutor. Eu tenho muita certeza neste assunto. Me formei em tristezas, sou cursada. A dor o que é? A dor é uma estrada: você anda por ela, no adiante da sua lonjura, para chegar a outro lado. E esse lado é uma parte de nós que não conhecemos. Eu, por exemplo, já viajei muito dentro de mim.(...)Vou lhe ensinar os **procedimentos do choro**. (...) Não há que ter vergonha. Primeiro, faz o seguinte: o doutor junta no peito não aquela imediata e justificada tristeza. Faz muito mal chorar uma tristeza de cada vez. Em cada momento a gente tem que chorar todas as tristezas de todas as vidas. É preciso chamar as antigas amarguras, juntar todas as aflições. Faz conta construímos um dique, grande, para estancar as águas. Aqui, está a ver? Sim, aqui. É aqui que vão inchar os afluentes e rios até começar uma inundação. De repente, o senhor vai ver: tudo se rebenta e águas jorram. O choro é uma paixão: a gente acaba e estamos cansados, como os corpos que fizeram amor."

A guerra dos palhaços (p. 111)
RIPOSTAVAM, NINHARICE, MIUDAGEM, ZARAGATA, ESCARAMUÇARA.
“Simétrica matraca” “se azedara a mandioca” “afiadas e afinadas maldades”

Lenda de Namarói (p. 115)
TEMPESTANOSO, ENSONOU, ANICHADO, DESAPRENDIDO, FIOZITO, TIMIÚDO, DESCONCEGUIR, ESVAÍDAS.
“O fiozinho de água engrossava. O regato passava a riacho, o riacho passava a RIO.”
“colheu a chama” “semeavam o fogo” “mais molhado que peixe.”
“o fogo é um RIO, deve-se colher pela fonte.”
“ela se cobriu nele, corpo de um lençol do outro corpo.”
“havia uma margem desconhecida da noite.”

A velha engolida pela pedra (p. 121)
TRANQUILITUDE, LUGARINHOS, PEQUENEZ, DESAJOELHE-SE, REUMASMÁTICO, TONELÁVEL, ROUPITA, TONELAGEM, ECLATOU, ACORRI, FALAGENS, VOAÇÕES, LENGA-LENGAÇÃO, QUEIXUMES, CABISTONTO, ESTRELINHOU, DESARPOAVA, ESTONTEAÇÃO, BRANQUEJOS, BARAFUNDIDO.
“Era pecado mais que mortal machucar a casa de Deus.”
“fervor febril” “da velha nem o sopro” “doença da poesia”

O bebedor do tempo (p. 125)
DESMOÇAVA, ARFIXIAVA, BARULHANDO, ESBRACEJAVA, FALAGENS, BOA-VINDAR, DEBALDE, CISMANDÃO, COMPLACIÊNCIA, MALFAZENTES, PANICARAM, CONTEMPLINATIVO, DOUTOROU, AMARELOSA, DESENTENDER.

“Recruzavam em seus olhos muitas névoas”“Quem é vivo sempre desaparece”
“bêbado de carreira, criatura de vasto e molhado currículo” “alma privada”
“Estou bebendo o tempo!” “A vida estava por uma espuma”
“Afinal, sempre a linha do TEMPO traz um anzol de futuro.”
“A vida é água endurecendo a pedra.”

O padre surdo (p. 131)
RETINTINHA, BRINCALHAR, DESABROTAVA, INFLORESCENDO, AGUAR, LUGARINHO, VILA NENHUMA, RECOINCIDÊNCIA, CASINHOTAS, TONTEADO, TIMBILADO.
“Escrevo como Deus: direto e sem pauta. Quem me ler que me desentorte as palavras”
“Reza, dizia meu pai, só serve para estragar as calças. Pois mal se entra na igreja e já se cai de joelhos.” “outras sombras de sons, rascunhos sonoros”
“Sei ver o silêncio, sei ler quando ele chega. Vejo pelos olhos das pessoas.”
“Eu queria escutar a voz da carícia.” “cheguei a última dobra do horizonte.”
“Escuro como umbigo de tartaruga” “a moça tinha falas visíveis.”
“olhos espantados” “Varanda da adolescência”

Adivinhador das mortes (p. 137)
ESÍRITEIRO, SUMARUDA, REVIVÊNCIA, TRINANTES, ADIVINHISTA, BARULHOSA, AQUIETE-SE, ZANGA, ABISMALHOU, CANGANHIÇAVA, LEVEDAR, RECÉM-FALECIDO, DESENFREÁTICO, ENORMECIDA, INUTENSÍLIOS.
“O adivinho cerrava seus próprios olhos: se concentrava, todo dentro das pálpebras, até abraçar com seu escuro o escuro do outro.” “bateu licenças na porta”
“certas felicidades só chegam com o não saber.” “naufrágio de luz”
“Trincamos a eternidade em breves dentadas não é para depois sermos nada, nenhum, ninguém.” “coração a sair pelos poros” “engoliu goelas”
“Quando gargalhamos nos aumenta a quantidade de costelas.” “daqui a nada”

O adeus da sombra (p. 143)
DESMADRUGUEI-ME, CHORANDO-ME, DESDENTÃO, ENFEBRECIDA, DESAPONTO, ARFEGANTE, BANDALHEIRO, RAMILHO, PALAVROSO, CURADOIRAS, BORBOLETARAM-SE, APOUQUINHAR, ESTRELINHOSO, VENDEDEIROS, PAISAGEM DE NENHURES.
“Quem tudo perde nem sabe o que quer. Nessa vida quem tem menos é quem perde mais.”
“Em boa casa africana o dia transcorre fora de casa; no pátio.”
“A sombra, esse barco que nos faz navegar pessoas e tempos.”
“Não era ar: a miúda tinha falta de toda a atmosfera.”
“Moya: é o respirar da vida, a aragem da pessoa.”
“A gente vê a borboleta e se esquece da flor.”
“pela boca lhe saíra a alma”
“enxame de estrelas”

A praça dos deuses (p. 151)

MATA-BICHO, ESTUPEFARTO, PRACEIRENTOS, RAIVENTOSO, EMBEBEVECIA, ACONTECÊNCIA, DESFRALDANDO.

"Mais vale é nenhum pássaro na mão. Mais vale é ver a passarada desfraldando asas na paisagem. O céu, afinal, só foi inventado depois das aves."

"Se alguém cheirasse o mundo, nesse princípio, haveria de sentir só o nosso próprio aroma."

"pele da memória"

"Um estranho sorriso: Deus sorria por sua boca?" "nenhum ninguém"

"A vida é um perfume!" "polvilhado de eternidade."

ANEXO B - Lembranças Inventadas

Fig. 3 – De mãos dadas. Foto: Fernando Santana

Fig. 4 – O Grupo. Foto: Fernando Santana

Fig. 5 – “Eu aprendi a voar” Foto Fernando Santana

ANEXO C – Conferência - Mia Couto - UnB,16 de abril de 2014

Fig. 6 – Entrevista com Mia Couto

Fig. 7 – Mia Couto com equipe *Abensonhar*. Foto Fernando Santana

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio** [tradução: Antônio de Pádua Danesi]. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
_____. **O Ar e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento.** [tradução Antonio de Pádua Danesi]. 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa/ Manoel de Barros** – São Paulo: Leya, 2010.

COUTO, Mia. **Estórias Abensonhadas.** 1ª ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 2012.
_____. **O Fio das Missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
_____. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. Ed. Cultrix/Pensamento. São Paulo: 1997.

EFRAIM, Gigito. **Falagens Abensonhadas.** Não publicado. 2014.

GALEANO, E. **Um convite ao vôo.** In: De Pernas pro Ar: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 1999. Disponível em: <http://www.consciencia.net/opiniao/arquivo/conviteaovoo.html>. Acesso em: 11 jun. 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A Descoberta do Mundo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NACHMANOVITCH, S. **Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte.** São Paulo: Editora Summus, 1993.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica**. Introdução: Laurens van der Post; tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.

OIDA, Yoshi com Lorna Marshall. **O Ator Invisível.**Prefácio: Peter Brook; tradução Marcelo Gomes – São Paulo: Via Lettera, 2007.

QUINTANA, Mario. **A Rua dos Cataventos.** 2ª Ed. São Paulo: Editora Globo: 2005.

SILVA, Ana Cláudia. **Um Mergulho "Nas Águas do Tempo", de Mia Couto.** Vertentes & Interfaces I: Estudos Literários e Comparados. Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista v. 3, n. 2 p. 53-64 jul./dez. 2011

TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e Antropologia do Imaginário** – Brasília: Editora UnB, 2003.